

Paulo Ernani Ramalho Carvalho

Espécies Arbóreas Brasileiras



Pessegueiro-Bravo
Prunus myrtifolia

volume
3

Pessegueiro-Bravo

Prunus myrtifolia

Santa Maria, RS (JFSM)



Fotos: Paulo Ernani Remalho Carvalho



Pessegueiro-Bravo

Prunus myrtifolia

Taxonomia e Nomenclatura

De acordo com o sistema de classificação baseado no *The Angiosperm Phylogeny Group (APG) II* (2003), a posição taxonômica de *Prunus myrtifolia* obedece à seguinte hierarquia:

Divisão: Angiospermae

Clado: Eurosídeas I

Ordem: Rosales

Família: Rosaceae

Gênero: *Prunus*

Espécie: *Prunus myrtifolia* (Linnaeus) Urban

Publicação: Urban, *Symb. Antill.* 4:260. 1904

Sinonímia botânica: *Laurocerasus myrtifolia* N.L. Brit.; *Prunus sphaerocarpa* Sw.

Nota: os sinônimos acima são os mais encontrados na literatura, mas essa espécie tem uma sinonímia considerável, disponível em Reitz e Klein (1996).

Nomes vulgares por Unidades da Federação: no Paraná, marmeleiro-brabo e pessegueiro-brabo; em Santa Catarina, alma-de-serra, ama-de-serra,

coração-de-bugre, marmeleiro-brabo, marmeleiro-do-mato, pessegueiro-brabo, pessegueiro-do-mato, uaru e viraru; e no Estado de São Paulo, coração-de-negro e pessegueiro-bravo.

Etimologia: o nome genérico *Prunus* é o nome latino da ameixeira e da cerejeira; o epíteto específico *myrtifolia* provém do latim *myrta*, *myrtus*, ou *murta* (murta, arbusto mediterrâneo: *Myrtus communis*), e *folia* (folha), por apresentar folhas do tipo das da murta (REITZ; KLEIN, 1996).

Descrição Botânica

Forma biológica: arvoreta a árvore perenifólia. As árvores maiores atingem dimensões próximas a 15 m de altura e 40 cm de DAP (diâmetro à altura do peito, medido a 1,30 m do solo) na idade adulta.

Tronco: é tortuoso. Geralmente o fuste é curto, medindo até 5 m de comprimento.

Ramificação: é dicotômica. Os ramos são finos, glabros, ereto-patentes, castanho-escuros e apresentam lenticelas.

Casca: mede até 5 mm de espessura. A casca externa ou ritidoma é cinza-clara, áspera e com lenticelas.

Folhas: são simples, alternas e de consistência coriácea. O pecíolo mede de 6 mm a 11 mm de comprimento e é glanduloso. O limbo é brilhante na face superior, opaco na face inferior e mede de 5 cm a 8 cm de comprimento por 2 cm a 3 cm de largura, variando de oval, oval-lanceolado, lanceolado até obovado, com base curtamente apontada a obtusa, ápice agudo a acuminado-obtuso, levemente ondulado no bordo inteiro, nervuras na face superior pouco visíveis, na face inferior pronunciadamente proeminentes, e duas glândulas; quando presentes, quase 2 mm a 14 mm distantes da base; estípulas em pares, cedo caducas.

Inflorescências: apresentam-se em racemos axilares eretos, glabros, multifloros, medindo de 4,5 cm a 10 cm de comprimento, menores que as folhas.

Flores: são brancas, com os pedicelos medindo de 4 mm a 7 mm de comprimento.

Fruto: é uma drupa de coloração roxo-escura, medindo de 0,5 cm a 0,8 cm de diâmetro. É globosa, carnosa e glabra.

Semente: única, com endocarpo globoso e largamente elipsóide, com ápice mucronado, apresentando uma sutura lateral que sai de um dos lados do múcron até a base, onde está situada uma cicatriz circular (1 mm), o hilo.

A semente dessa espécie é de cor bege-clara e mede de 3 mm a 5 mm de diâmetro, de consistência córnea, com superfície áspera e nervuras reticuladas, que saem da sutura lateral.

Biologia Reprodutiva e Eventos Fenológicos

Sistema sexual: *Prunus myrtifolia* é uma espécie monóica.

Vetor de polinização: essencialmente a abelha-europeia ou abelha africanizada (*Apis mellifera*) e a abelha-mirim ou abelha-mínima (*Friesella schrottkyi*).

Floração: de junho a outubro, no Paraná, de setembro a dezembro, no Estado de São Paulo e de fevereiro a junho, no Estado do Rio de Janeiro.

Frutificação: os frutos do pessegueiro-bravo amadurecem de novembro a janeiro, no Paraná, de janeiro a fevereiro, no Estado de São Paulo, em julho, no Estado do Rio de Janeiro e de julho a dezembro, em Santa Catarina.

O processo reprodutivo de *Prunus myrtifolia* inicia 2 anos após o plantio.

Dispersão de frutos e sementes: zoocórica (SPINA et al., 2001), notadamente a avifauna. Segundo Frisch e Frisch (2005), o pessegueiro-bravo atrai sabiás e sanhaços, entre outros.

Ocorrência Natural

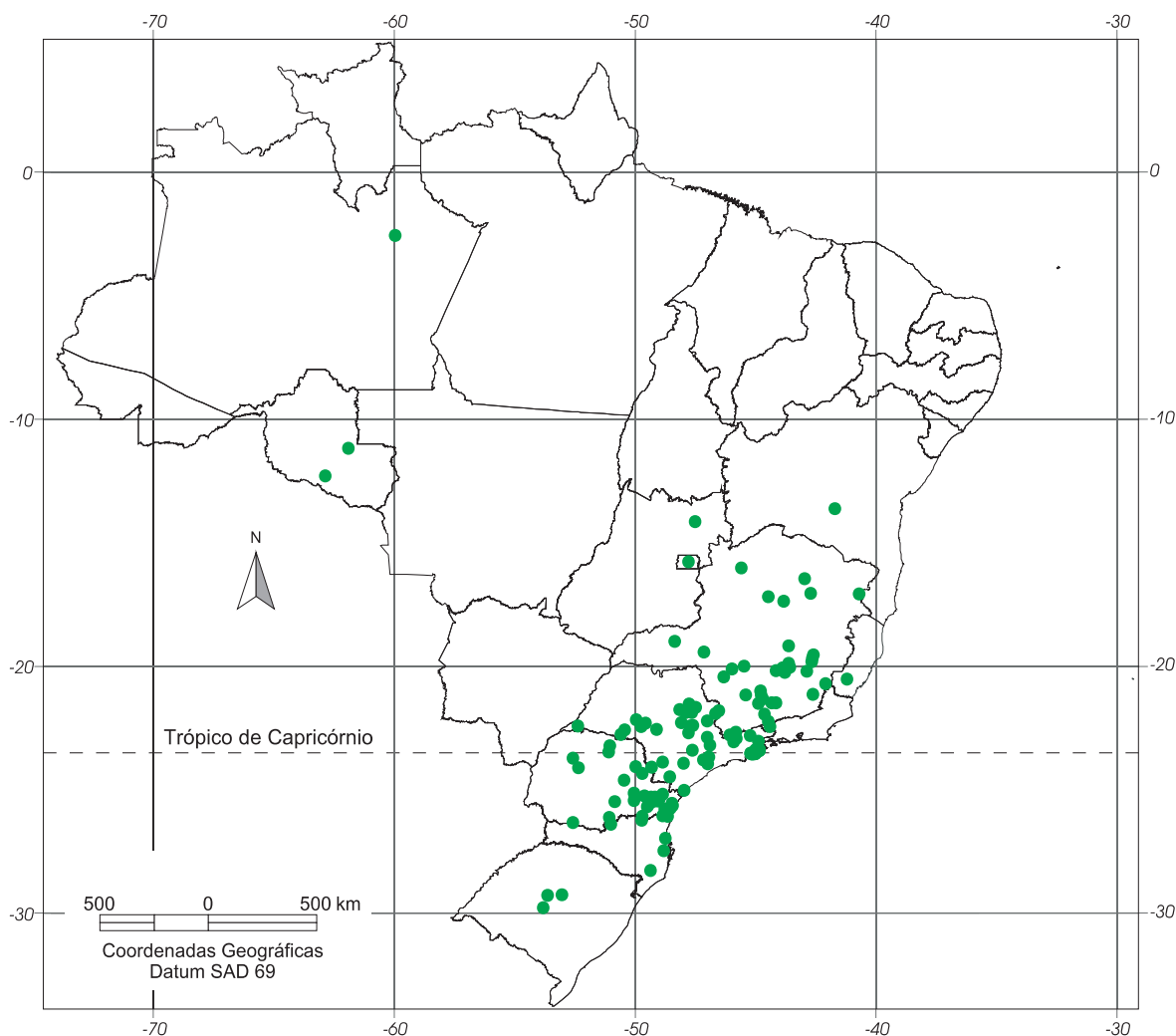
Latitudes: de 12°S, na Bahia, a 29°45'S, no Rio Grande do Sul.

Variação altitudinal: de 50 m, no Estado de São Paulo (SZTUTMAN; RODRIGUES, 2002), a 1.900 m de altitude, em Camanducaia, MG (FRANÇA; STEHMANN, 2004).

Distribuição geográfica: *Prunus myrtifolia* ocorre, de forma natural, no Brasil, nas seguintes Unidades da Federação (Mapa 54):

- Bahia (STANNARD, 1995).
- Distrito Federal (PROENÇA et al., 2001).
- Espírito Santo (OLIVEIRA-FILHO et al., 2005).
- Goiás (FUKS; VALENTE, 1981; MUNHOZ; PROENÇA, 1998).
- Minas Gerais (FUKS; VALENTE, 1981; LOMBARDI; GONÇALVES, 2000; NAPPO et al., 2000; WERNECK et al., 2000b; RODRIGUES, 2001; RODRIGUES; NAVE, 2001; CARVALHO, 2002; FERNANDES, 2003; FRANÇA; STEHMANN, 2004; GOMIDE, 2004; CARVALHO et al., 2005; OLIVEIRA-FILHO et al., 2005; SILVA et al., 2005; PEREIRA et al., 2006; VIANA; LOMBARDI, 2007).
- Paraná (FUKS; VALENTE, 1981; HARDT et al., 1992; RODRIGUES; NAVE, 2001; HATSCHBACH et al., 2005; PIVELLO et al., 2006).
- Rio Grande do Sul (SOARES et al., 1979).
- Estado do Rio de Janeiro (PEREIRA et al., 2004).
- Santa Catarina (NEGRELLE, 1995; REITZ, 1996).
- Estado de São Paulo (VIEIRA et al., 1989; DURIGAN; LEITÃO FILHO, 1995; BERNACCI; LEITÃO FILHO, 1996; PASCHOAL, 1997; CAVALCANTI, 1998; DURIGAN et al., 1999; ALBUQUERQUE; RODRIGUES, 2000; AGUIAR et al., 2001; RODRIGUES; NAVE, 2001; SZTUTMAN; RODRIGUES, 2002; TOPPA et al., 2004; TABANEZ et al., 2005; BERNACCI et al., 2006; OGATA; GOMES, 2006).

Há citações bibliográficas acusando a ocorrência dessa espécie no Amazonas (RIBEIRO et al., 1999) e em Rondônia (LISBOA; LISBOA, 1990).



Mapa 54. Locais identificados de ocorrência natural de pessegueiro-bravo (*Prunus myrtifolia*), no Brasil.

Aspectos Ecológicos

Grupo ecológico ou sucessional: essa espécie é secundária inicial (AGUIAR et al., 2001) a secundária tardia (PIVELLO et al., 2006) ou clímax exigente em luz (WERNECK et al., 2000b).

Importância sociológica: *Prunus myrtifolia* é observada na vegetação secundária, no estágio de capoeira.

Biomass (IBGE, 2004a) / Tipos de Vegetação (IBGE, 2004b) e Outras Formações Vegetacionais

Bioma Mata Atlântica

- Floresta Estacional Semidecidual (Floresta Tropical Subcaducifólia), nas formações Submontana e Montana, em Minas Gerais e no Estado de São Paulo, com frequência de até 56 indivíduos por hectare (VIEIRA et al., 1989;

WERNECK et al., 2000; RODRIGUES, 2001; SILVA et al., 2005).

- Floresta Ombrófila Densa (Floresta Tropical Pluvial Atlântica), nas formações das Terras Baixas, Montana e Alto-Montana, em Minas Gerais (PEREIRA et al., 2006), no Estado de São Paulo (SZTUTMAN; RODRIGUES, 2002; OGATA; GOMES, 2006) e em Santa Catarina (REITZ, 1996), com frequência de até 17 indivíduos por hectare (FRANÇA; STEHMANN, 2004).
 - Floresta Ombrófila Mista (Floresta com presença de araucária), nas formações Montana e Alto-Montana, em Minas Gerais (CARVALHO et al., 2005; PEREIRA et al., 2006) e no Paraná (HARDT et al., 1992).
 - Contato Floresta Estacional Decidual / Floresta Estacional Semidecidual, em Minas Gerais (GOMIDE, 2004).
- ### Bioma Cerrado
- Savana Florestada ou Cerradão, no Estado de São Paulo (DURIGAN et al., 1999).

Outras Formações Vegetacionais

- Ambiente fluvial ou ripário, no Distrito Federal (PROENÇA et al., 2001), em Goiás, em Minas Gerais (GOMIDE, 2004), no Paraná (RODRIGUES; NAVE, 2001) e no Estado de São Paulo (RODRIGUES; NAVE, 2001).
- Floresta de brejo, no Estado de São Paulo (PASCHOAL, 1997; TONIATO et al., 1998; SPINA et al., 2001).

Clima

Precipitação pluvial média anual: de 830 mm, na Chapada Diamantina, BA (STANNARD, 1995), e em Minas Gerais, a 2.700 mm, no litoral do Estado de São Paulo.

Regime de precipitações: chuvas uniformemente distribuídas na Região Sul (exceto o norte do Paraná) e chuvas periódicas nas demais regiões.

Deficiência hídrica: nula na Região Sul (exceto o norte do Paraná). De pequena a moderada, no inverno, no leste do Estado de São Paulo, e no sul de Minas Gerais. De moderada a forte na região central da Bahia e em Minas Gerais.

Temperatura média anual: 16,5 °C (Curitiba, PR) a 24,3 °C (Urucaia, MG).

Temperatura média do mês mais frio: 11,8 °C (Porto União, SC) a 22,1 °C (Urucaia, MG).

Temperatura média do mês mais quente: 19,7 °C (Resende, RJ) a 26,2 °C (Urucaia, MG).

Temperatura mínima absoluta: -7,4 °C (Rio Negro, PR). Na relva, a temperatura mínima absoluta pode chegar até -10 °C.

Número de geadas por ano: médio de 0 a 10,7; máximo absoluto de até 33 geadas no Paraná.

Classificação Climática de Koeppen: **Aw** (tropical quente, estação seca de inverno) em Minas Gerais. **Cfa** (subtropical úmido com verões quentes, podendo haver estiagem e geadas pouco frequentes) no Maciço do Itatiaia, MG e no Estado do Rio de Janeiro, na região central do Rio Grande do sul, no leste de Santa Catarina e no Planalto de Ibiúna, SP. **Cfb** (temperado sempre úmido com verão suave e inverno seco com geadas frequentes) na Serra da Bocaina, MG, no centro-sul do Paraná e em Santa Catarina. **Cwa** (subtropical quente de inverno seco e verão chuvoso) no Distrito Federal, no sul de Goiás, em Minas Gerais e no centro-leste do Estado de São Paulo. **Cwb** (subtropical de altitude com verões chuvosos e invernos frios e secos) na Chapada Diamantina, BA, e no sul de Minas Gerais.

Solos

Prunus myrtifolia ocorre, naturalmente, em solos de fertilidade química baixa. Normalmente, esses solos apresentam baixos teores de cátions trocáveis, altos teores de Al (alumínio) e pH baixo. Os solos mal drenados, Orgânicos, Gleissolo Melânico alumínico (Glei húmico) e Gleissolo Háplico Tb distrófico (Glei pouco húmico) também são propícios ao seu desenvolvimento.

Tecnologia de Sementes

Colheita e beneficiamento: a colheita dos frutos dessa espécie é feita diretamente da árvore, assim que a coloração destes muda de verde para arroxeadas. Após imersão em água fria por 12 horas, os frutos devem ser macerados em peneira sob água corrente, para retirada da polpa e extração das sementes, que devem ser secas à sombra, apenas para eliminação do excesso de umidade.

Número de sementes por quilo: 5.000 (DURIGAN et al., 1997) a 10.066.

Tratamento pré-germinativo: não há necessidade. Contudo, a imersão das sementes em água fria por 2 dias, antes da semeadura, pode acelerar e uniformizar a germinação.

Longevidade e armazenamento: as sementes dessa espécie têm comportamento recalcitrante com relação ao armazenamento. Devem ser armazenadas a frio (5 °C), mas, mesmo assim, perdem rapidamente o poder germinativo (DURIGAN et al., 1997).

Produção de Mudanças

Semeadura: recomenda-se semear as sementes dessa espécie em sacos de polietileno de dimensões mínimas de 14 cm de altura e 6 cm de diâmetro, ou em tubete de polipropileno de tamanho médio. Quando do uso de sementeiras, a repicagem deve ser feita de 1 semana a 1 mês, após a germinação.

Germinação: é hipógea ou criptocotiledonar. A emergência tem início de 15 a 30 dias após a semeadura. O poder germinativo é alto, até 75 %. As mudas atingem porte adequado para plantio, cerca de 6 meses após a semeadura. Contudo, no Estado de São Paulo, elas levam cerca de 1 ano para estarem prontas para plantio (DURIGAN et al., 1997).

Cuidados especiais: no viveiro da *Embrapa Florestas*, em Colombo, PR, observou-se em substrato com 5,1 meq.100 cm⁻³ de alumínio, heterogeneidade entre as plântulas, atraso no

crescimento e uma taxa acentuada de mortalidade, em função de problemas de viveiro e de características das raízes das mudas.

Associação simbiótica: as raízes dessa espécie apresentam fungos micorrízicos arbusculares. Por isso, recomenda-se inocular o solo do viveiro com solo coletado sob pessegueiros adultos.

Características Silviculturais

O pessegueiro-bravo é uma espécie heliófila, que tolera temperaturas baixas.

Hábito: é variável, desde crescimento monopodial até com bifurcações a partir de várias alturas e, em alguns casos, brotos ladrões e presença de galhos grossos e ramificação pesada. Essa espécie não apresenta derrama natural; necessita de desrama ou poda periódica, de condução e dos galhos, para garantir aproveitamento comercial.

Métodos de regeneração: recomenda-se que o plantio do pessegueiro-bravo seja em plantio misto, associado com espécies pioneiras, para solucionar problemas de forma. Essa espécie brota da touça, do colo ou de várias alturas.

Crescimento e Produção

Existem poucos dados de crescimento sobre o pessegueiro-bravo (Tabela 34).

Características da Madeira

Massa específica aparente (densidade): madeira moderadamente densa (0,70 g.cm⁻³).

Cor: cerne róseo-acastanhado, escurecendo para o castanho-claro.

Características gerais: superfície lisa ao tato; brilho pouco acentuado; textura média; grã direita; sem cheiro nem gosto distintos.

Produtos e Utilizações

Celulose e papel: *Prunus myrtifolia* é inadequada para esse uso.

Energia: eventualmente, essa espécie é usada como lenha.

Madeira serrada e roliça: a madeira do pessegueiro-bravo não serve para essas finalidades e tem pouco valor comercial.

Plantios com finalidade ambiental: essa espécie apresenta grande potencial na recuperação de áreas alteradas, especialmente para condições de solos ácidos, álicos e excessivamente úmidos, desde que sombreada por espécies pioneiras (DURIGAN et al., 1997).

Principais Doenças

Auer (1995) detectou oídio (*Oidium* sp.) em mudas de *Prunus myrtifolia* no viveiro da *Embrapa Florestas* em Colombo, PR. Um lote de mudas foi atacado, apresentando diferentes graus de severidade, desde os sintomas iniciais da doença até a morte de mudas.

Os sintomas foram observados em folhas jovens e em brotações, na forma de enrolamento foliar, queima e posterior queda das folhas afetadas.

Para controle do oídio, recomenda-se a aplicação dos produtos benomil e enxofre na forma de solução, pulverizada a cada 15 dias. Esse controle pode ser complementado com a eliminação das mudas mortas e a retirada de folhas com sintomas e sinais, por serem fonte de inóculo.

Espécies Afins

O gênero *Prunus* Linnaeus é cosmopolita, com cerca de 400 espécies distribuídas pela Europa, Ásia Temperada e Subtropical, e América Temperada e Tropical; inclui a maior parte das espécies de rosáceas com frutos comestíveis. As espécies de *Prunus* ocorrem nos neotrópicos, em florestas tropicais e semidecíduas do México até a Argentina.

As sete espécies brasileiras, muito semelhantes entre si, foram designadas coletivamente como *P. sphaerocarpa* Sw. Posteriormente, Koehne (1915) discriminou-as devidamente (RIZZINI, 1971).

Essas espécies ainda estão mal definidas e só um estudo mais acurado – com amostras abrangendo toda área de distribuição e a análise dos tipos – poderá delimitá-las melhor. Até hoje, essa semelhança causa graves problemas na identificação.

Tabela 34. Crescimento de *Prunus myrtifolia* em plantio misto, no Paraná.

Local	Idade (anos)	Espaçamento (m x m)	Plantas vivas (%)	Altura média (m)	DAP médio (cm)	Classe de solo (a)
Foz do Iguaçu, PR ⁽¹⁾	4	4 x 3	33,3	6,50	7,9	LVdf

(a) LVdf = Latossolo Vermelho Distroférrico.

Fonte: ⁽¹⁾ Embrapa Florestas / Itaipu Binacional.

Kiyama e Bianchini (2003) consideram as três espécies reconhecidas por Koehne (1915) *Prunus myrtifolia*, *P. sellowii* e *P. brasiliensis* para o Estado de São Paulo como uma única espécie, adotando-se o primeiro epíteto validamente publicado. Em decorrência disso, as autoras acham que só um estudo biosistemático, incluindo toda a área de distribuição, poderá delimitar corretamente esse táxon.

Contudo, no fragmento florestal da *Embrapa Florestas* em Colombo, PR – Floresta Ombrófila Mista (Floresta de Araucária) na formação Montana –, existem duas espécies simpátricas de ocorrência comum: *Prunus brasiliensis* e *Prunus myrtifolia*. Essas duas espécies são facilmente separadas pela dendrologia, pela ecologia, e principalmente com respeito a exigências edáficas.

Embrapa

Florestas

Referências Bibliográficas

clique aqui